



Conjuntura Social e Documentação Eclesial

ENCARTE DO BOLETIM DA CNBB -08/05/97
Tel.: (061) 225-2955 – Fax: (061) 225-4361
Caixa Postal 02067 – (70259-970) Brasília – DF
STM-400: 30525/CNBB - IMPRENSA
home-page: <http://www.cnbb.org.br> – e-mail: cnbb@embratel.net.br

365

TESTEMUNHO DO ENCONTRO

No dia seguinte à chegada da marcha a Brasília, o MST tinha o encontro com o Presidente da República. Foi na sexta-feira, dia 18. Estive presente, convidado pelo MST como sua testemunha. No encontro não precisava dizer nada, pois era o próprio MST que queria falar ao Governo e falou. Como tinha falado a todos através da manifestação pública do dia anterior, que também falava por si mesma. Mas estando presente, tornei-me testemunha não só do MST, mas do próprio encontro, do qual todos esperam indispensáveis desdobramentos. Em vista disto posso dar o meu depoimento.

O encontro foi precedido de muita tensão, de parte a parte. O último demorou uma hora para ser resolvido: incluir mais três nomes na delegação, entre os quais um índio Pataxó. Na porta da sala da audiência se constatou que o índio tinha sido retido, porque o número de pessoas excedia ao das cadeiras. Diante da posição irredutível do Ministro, um representante da CNBB prontamente cedeu o lugar, para que o índio pudesse participar.

Todos tinham consciência que o caminho mais seguro para levar a bom termo o encontro era permanecer o mais possível na formalidade. Era a postura combinada pelos integrantes do MST, e foi a proposta sugerida pelo Presidente na sua palavra inicial, ao dizer que esperava escutar os três previstos para falar. E de fato, logo se comprovou que era arriscado sair da formalidade. Ao apresentar a Bete Carvalho, que trazia um manifesto dos artistas e "intelectuais", João Pedro Stedile quis fazer um agrado ao Presidente dizendo que também ele era intelectual, e que era pena que o Presidente não escrevesse mais. Em troca recebeu uma estocada pronta e seca: "continuo sim, você é que parou de ler!". Pouco depois Stedile teve a oportunidade de devolver: ao escutar o Presidente dizer que assinaria o manifesto dos artistas e que apoiava as manifestações, ofereceu o boné dos Sem-terra para o Presidente colocar na cabeça. Ficava confirmado que o melhor era, para ambos os lados, escutar civilizadamente o que o outro ia dizendo. Esta tonalidade ficou reforçada pela leitura do manifesto dos artistas em apoio ao MST.

Outra observação importante diz respeito à natureza do encontro, assumida propositalmente pelo MST: não vinham negociar com o Governo, vinham expor suas propostas. Queriam a todo custo evitar a discussão. O MST porque sabia que na conversa, o Governo levaria a melhor. E o Governo porque não tinha condições de enfrentar as propostas que vinham avalizadas pela força da manifestação popular do dia anterior. Mas ambas as partes davam por certo que o encontro sacramentava a necessidade de avanços concretos a serem conseguidos posteriormente. O MST porque confiava na demonstração de força que acabava de realizar com a marcha. E o Governo porque constava ter ficado exposto a cobrança certa por parte da opinião pública.

Feitas as apresentações iniciais, um representante da marcha leu as "preocupações e propostas", em nome dos que tinham caminhado dois mil quilômetros para chegar até lá. E em seguida o Gilmar Mauro fez o mesmo em nome da coordenação nacional do MST. Foram

os momentos mais densos do encontro. O Presidente, que dissera querer escutar a voz rouca das ruas, estava ouvindo a voz firme, clara, rude, franca, direta, que vinha do campo, trazida por gente que não estava afeita a enfeitar as frases. Mais alto que as palavras, falava o silêncio que se fazia ouvir na sala, diante de afirmações contundentes que iam se seguindo, encadeadas na coerência e na convicção dos Sem-Terra. As paredes do Palácio do Planalto, com certeza, não estavam acostumadas a ouvir palavras tão duras contra o Governo. "O Sr. sabe que nós não acreditamos em promessas do Governo", "O problema social é muito mais sério que a propaganda do seu governo na televisão", "Não se iluda com as pesquisas de popularidade, o povo também fala mal do seu Governo". O Presidente, e os Ministros, escutavam em silêncio. A leitura só foi interrompida uma vez, quando foi apresentada a oitava proposta, e o Mauro se enganou dizendo que era a sexta. O Presidente fez questão de dizer que era a oitava, e afirmou que "sempre fui bom aluno", sabia anotar bem. A confissão servia para ambos os lados: bom, mas aluno. E ajudou para mostrar que de fato estava levando a sério tudo o que diziam.

Depois falou o Presidente. Demonstrou muito respeito por todos. Esclareceu logo que não iria discutir os dados apresentados pelo MST, que não correspondiam aos "números" que ele tinha. Procurou absorver tudo o que era possível: disse que subscreveria o manifesto dos artistas, elogiou a manifestação democrática e pacífica que tinham feito no dia anterior, e chegou a afirmar que também faria as mesmas reclamações do MST. Negando-se a discutir o questionamento mais amplo sobre a política econômica, fez questão de esclarecer alguns pontos concretos: a penalidade ao Sindicato dos petroleiros foi imposta pela Justiça e não por seu Governo, deu os números das desapropriações já realizadas, falou da distribuição do orçamento, e até explicou que o dinheiro do Proer não é do Governo, mas do sistema bancário. Procurou demonstrar como é difícil ser presidente, e desafiou a sentarem uma semana em sua cadeira para ver o que conseguiriam fazer. Ao longo de sua conversa, foi acenando diversas vezes que iria fazer também uma proposta, que afinal formalizou em forma de uma Comissão, a ser constituída em entendimento do MST com o Governo, para aproximar os dados, esclarecer as pendências, e chegar a soluções possíveis. E concluiu apelando para a colaboração e o trabalho em conjunto: "Corro o risco de trabalharmos juntos".

Feita a proposta, todos sentiam que era hora de terminar, pois o ritual tinha se completado, e o encontro já tinha produzido a sua finalidade: comprometer para avanços, que precisam ser conseguidos a partir da marcha e do encontro.

O encontro aconteceu. Mas permaneceu um desencontro, que é preciso superar.

O Governo reconheceu a importância do MST, e a consistência de sua causa. Foi salutar escutar a linguagem dura da gente que vive problemas reais, que não podem ser ignorados ou menosprezados por parte dos governantes. Valeu a lição do diálogo direto, sem mediação da propaganda ou das pressões. Também valeu a percepção das diferenças que existem entre quem reivindica e quem governa.

Mas o Governo não pode governar só na base dos "números". Aí residiu o contraste maior. Os Sem-Terra levaram problemas concretos e a situação real vivida pelo povo. O Governo raciocina com os números que possui. Os números só valem se ajudam a decifrar os verdadeiros problemas e apontar para as soluções acertadas. É urgente o Governo agir com presteza, com planos concretos sobre situações específicas, que o povo vive e está disposto a colaborar para apontar soluções. Não vale mais confiar que a estabilização da moeda é garantia de que todos os problemas se solucionam. Governar é mais do que terminar com a inflação.

A marcha e o encontro deixam preciosas lições, que todo bom aluno deve aprender.

Dom Demétrio Valentini
Responsável pelo Setor Pastoral Social na CNBB